

A comemoração à mostra: as exposições dos 500 anos da Reforma Protestante no Brasil em 2017¹

The commemoration on display: the exhibitions of the 500 years of the Protestant Reformation in Brazil in 2017

João Paulo Rodrigues²

E-mail: perfejp@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0003-2521-8615>

Resumo: Ao longo de 2017, foram celebrados os 500 anos da Reforma Protestante. No Brasil, entre outras atividades comemorativas, uma gama variada de exposições seria lançada, de mostras locais a itinerantes, de exibições organizadas por igrejas de confissões distintas a empreendidas por instituições públicas e privadas. Que exposições eram essas, afinal? Por que a imagem da Reforma foi tão requisitada e em mostras tão diferentes em 2017? Emanaria tal interesse das mudanças vividas no campo religioso brasileiro de então? Para discutir essas questões, o artigo toma como fontes principais *sites* e *banners* das exibições montadas, priorizando o estudo de dois casos em particular, por meio dos quais um universo mais complexo se descortina. Argumenta-se, assumindo como principal referência teórica a noção de campo religioso, formulada por Bourdieu, que as exposições do 5º Centenário da Reforma Protestante ganharam impulso no Brasil em 2017, especialmente, por se associarem às disputas e tensões entre evangélicos de missão e pentecostais no interior do campo religioso brasileiro, mas também pela apropriação mais abrangente da data, no plano secular, como um dos símbolos da expansão social evangélica vivenciada no período.

Palavras-chave: Reforma Protestante; 500 anos; exposição; comemoração; memória.

Abstract: Throughout 2017, the 500 years of the Protestant Reformation were commemorated. In Brazil, among other commemorative activities, a wide range of exhibitions were set up, from local displays to itinerant ones, exhibitions organized by churches of different confessions to those undertaken by public and private institutions. What exhibitions were these? Why was the image of the Reformation so requested and in so different exhibitions in 2017? Was such interest a result of the changes experienced in the Brazilian religious field of that time? To discuss these questions, this article uses as its main source websites and banners of the exhibitions, prioritizing the study of two cases in particular, through which a more complex universe unfolds. It argues, taking the notion of religious field, formulated by Bourdieu, as its main theoretical reference that the exhibitions of the 5th Centennial of the Protestant Reformation gained momentum in Brazil in 2017 especially because they are associated with disputes and tensions between mission evangelicals and Pentecostals within Brazil's religious field, but also due the broader appropriation of the date in the secular sphere as one of the symbols of the evangelical social expansion experienced in the period.

Keywords: Protestant Reformation; 500 years; exhibition; commemoration; memory.

¹ Este artigo é resultado de uma pesquisa realizada durante o Estágio Pós-doutoral na Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Assis/SP, sob supervisão da prof.^a Dr.^a Zélia Lopes da Silva. Agradeço imensamente à professora Zélia pelos valiosos ensinamentos ao longo do estágio pós-doutoral e em minha formação desde a graduação.

² Universidade Federal de Mato Grosso. Departamento de História e Programa de Pós-Graduação em História. Avenida Fernando Corrêa da Costa, nº 2367, CEP: 78060-900, Cuiabá/MT, Brasil.

Introdução

Levar aos gradis ou telas virtuais uma exibição pouco tem a ver com enfileirar aleatoriamente uma quantidade dada de peças ou objetos. Pelo contrário. A realização de uma exposição³, geralmente, pressupõe preparação, seleção, encadeamentos, interpretação. Desde a escolha do local, a iluminação, os horários de funcionamento, as cores do ambiente até a preparação refinada do material a ser exibido, são necessários cuidados que não podem ser negligenciados (Instituto Brasileiro de Museus, 2017). Nesse sentido, as exposições se constituem em ocasiões bastante privilegiadas para as comemorações. São momentos oportunos para construir personagens e temas, selecionar os aspectos que se quer destacar ou ocultar, jogar luzes ou empurrar para a sombra. Sem exageros, pode-se dizer que as exposições permitem fabricar imagens, alimentar mitologias, entronizar leituras, representações e memórias, a depender dos ângulos pelos quais os seus organizadores pretendem deitar o feixe de luz que projetam sobre um assunto (Pesavento, 1994; Meneses, 1994; Chartier, 1990).

À vista disso, neste artigo nos propomos a discutir um conjunto de questões a respeito das exposições e mostras que foram dedicadas ao 5º Centenário da Reforma Protestante no Brasil, em 2017. A exemplo de outros tantos países alcançados pelo cristianismo, em terras brasileiras um número bastante razoável de exposições viria a público. Longe de se restringirem ao ponto culminante da efeméride, ocorrido em outubro, elas se distribuiriam ao longo de vários meses do ano do jubileu e até do seguinte. Além disso, se espalhariam por diversos estados do território nacional, estendendo-se por todas as suas regiões. Afinal: 1) Que exposições eram essas, já que, como dito, tantas podem ser as mostras quantas forem as interpretações e recortes do assunto? 2) Afora as razões de fé, por que a imagem da Reforma foi tão requisitada e representada em exposições no Brasil de 2017? Seria tal interesse fruto das acentuadas transformações vividas no campo religioso brasileiro no período?⁴ (Pierucci e Prandi, 1996; Mariano, 2003; Almeida, 2017). Em caso afirmativo, como essa imagem dialogava com tais transformações?

Em que pese a relevância social e a própria candência que revestem essa área de conhecimento atualmente em nosso país, é necessário logo de início ressaltar que pouquíssimas abordagens específicas sobre os festejos do 5º Centenário da Reforma Protestante foram produzidas até aqui. É bem verdade que a chegada da comemoração mobilizou pesquisadores de diferentes áreas do saber,

como teólogos, historiadores, sociólogos, antropólogos, cientistas políticos e filósofos, entre outros, que produziram reflexões em alguns congressos, em coletâneas de textos e, sobretudo, por meio de dossiês e artigos em revistas. Na coletânea “Os 500 anos da Reforma Protestante no Brasil: um debate histórico e historiográfico” (Silva *et al.*, 2020), por exemplo – a única localizada no perfil –, são reunidos 16 capítulos que versam sobre eixos temáticos (como educação, política, cultura e gênero) da trajetória de igrejas tradicionais e pentecostais no Brasil. Trata-se, porém, de um olhar promovido bem mais a título de balanço da presença histórica desses grupos evangélicos no país que voltado aos significados específicos da comemoração de 2017. Não é muito diferente, além disso, o intuito de dossiês lançados no momento da celebração, como “Protestantismos e História: a propósito dos 500 anos da Reforma Protestante”, na revista *Fronteiras*, da Universidade Federal da Grande Dourados. Conforme os organizadores, “Tal como a própria temática, o Dossiê [...] também é caracterizado pela diversidade [...] de abordagens, de fontes documentais e bibliográficas”. Os textos permitiriam “ter contato com uma amplitude de experiências históricas brasileiras e de fora do país. O objetivo é que os leitores possam conhecer um pouco mais sobre o complexo mundo dos protestantismos e seus sujeitos, bem como das possibilidades de estudá-los” (Gonçalves *et al.*, 2017).

Resguardada a relevância destas e de outras publicações dedicadas ao assunto, a proposta deste artigo, todavia, alinha-se a outra perspectiva, a trabalhos que começam a ser desenvolvidos por pesquisadores como o sociólogo francês Jean-Paul Willaime, em “O que significa comemorar a Reforma?” (2017), e que se voltam à efeméride em si e a seus sentidos. O destaque às exposições, nessa perspectiva, revela-se particularmente importante, na medida em que, por meio delas, como veremos, um instigante ângulo de observação da comemoração se descortina.

As exposições dos 500 anos da Reforma no Brasil

Maria-Júlia Chelini e Sônia de Carvalho Lopes (2008), em artigo relativo a exposições realizadas em museus de ciências, chamam atenção para o fato de que sob o termo comum “exposição” abriga-se, na realidade, uma gama considerável de acepções e tipos de eventos. Baseando-se em reflexões de autores como Jean Davallon

³ Os temas e tipos de exposição podem ser bastante variados, avançando por diferentes áreas. Neste artigo, contudo, todas as menções ao termo se restringem às exposições com temáticas históricas.

⁴ Em especial, a redução dos fiéis que, conforme o IBGE, se declaram católicos e a expansão dos evangélicos.

e David Dean, as autoras sobrelevam que as exposições podem se distinguir por ênfase a objetos, conceitos, objetivos ou ainda relação com visitantes, entre outros aspectos.

Não obstante as dificuldades para se mapear o número preciso de mostras relativas ao jubileu da Reforma realizadas no Brasil de 2017⁵, assim como as características específicas de cada uma delas, as considerações das autoras

nos parecem válidas também para o caso em apreço. Isto é, as exposições então efetivadas estavam longe de seguirem padrão único ou monolítico. Observemos o quadro 1, com as informações acerca das ocorrências identificadas, por ordem cronológica.

Dentre as distinções que com base no quadro se podem fazer, gostaríamos de destacar inicialmente a di-

Quadro 1 – Exposições do 5º Centenário da Reforma no Brasil

Tema/Organizador	Local	Data
500 anos da Reforma: No Princípio era o Verbo – Sociedade Bíblica do Brasil (SBB)	Itinerante: Museu da Bíblia em Barueri/SP e outras	2017 a 2018
Reforma Protestante: 500 anos – Obras Raras Coleção Eichenberg – Biblioteca UFRGS	Porto Alegre/RS	junho de 2017
Protestantismo ontem, hoje e em perspectiva – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB)	Itinerante: Campinas/SP, Rio Claro/SP e Santo André/SP	junho a outubro de 2017
500 anos da Reforma Luterana – Johannes Bugenhagen: <i>Doctor Pomeranus</i> (1485-1558) – Igreja Evangélica Luterana do Norte da Alemanha em intercâmbio com igrejas luteranas e prefeituras locais	Itinerante: Santa Teresa/SP (Instituto Mata Atlântica), Blumenau/SC, entre outras	junho de 2017 a janeiro de 2018
500 anos da Reforma e a Evolução Gráfica – SBB e SESI/PR, ABIGRAF	Curitiba/PR	19 a 23 de junho 2017
Quinhentos anos da Reforma Protestante – Instituto Vida para Todos	Sumaré/SP	julho de 2017
A Reforma através da Arte – Universidade Luterana do Brasil (ULBRA)	Porto Alegre/RS	11 a 31 de outubro 2017
Reforma Luterana 500 anos: Conhecendo a comunidade luterana de Arroio do Meio – IECLB	Arroio do Meio/RS	outubro de 2017
Expo Reforma – Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte/Deputado Jacó Jácome	Natal/RN	23 a 31 de outubro 2017
500 anos: a Reforma Protestante e o Presbiterianismo no Brasil – Centro Histórico e Cultural Mackenzie	São Paulo/SP	6 de outubro a 9 dezembro 2017
500 anos da Reforma Protestante: Luteranismo e Presbiterianismo em Indaiatuba – Museu Casarão Pau Preto	Indaiatuba/SP	30 de outubro de 2017 a 2 de abril 2018
Lutero: 500 anos da Reforma – Biblioteca Nacional	Rio de Janeiro/RJ e virtual	28 dezembro 2017 a 28 fevereiro 2018

Fonte: *Sites* Portal Luteranos, Mackenzie e outras instituições confessionais citadas; *sites* de assembleia legislativa, prefeitura, biblioteca e universidade citadas; *sites* de jornais e notícias⁶.

⁵ Dado que o 5º Centenário da Reforma foi comemorado em cidades diversas de todo o país, é possível que outras exposições tenham sido realizadas e não divulgadas a não ser em escala local.

⁶ O conjunto de fontes para a realização do trabalho foi extraído sobretudo de *sites* e acervos disponíveis na internet. Tal como em relação aos documentos de outras naturezas, uma série de cuidados são necessários quanto a estes, que, em sua maioria, não são produzidos necessariamente para durar, não são armazenados de maneira ordenada para o pesquisador ou têm garantias de permanência de disponibilidade na internet. Ver, entre outros, Silveira (2016).

versidade de formatos conferida a essas exposições. Ainda que a habitual mostra enquanto exibição presencial, fixa e com duração restrita tenha se mantido predominante nessa comemoração, como atesta, aliás, a maioria das ocorrências catalogadas, outros modelos e variações também seriam experimentados na ocasião.

Entre eles, têm-se as exposições itinerantes, a exemplo da consumada pela Sociedade Bíblica do Brasil (SBB). Repleta de objetos de coleção (em especial, Bíblias raras) e recursos interativos como mesa digital, essa exposição circularia por diversas cidades do país, ao longo de quase dois anos, tais como: Campina Grande/PB, Recife/PE, Curitiba/PR, Joinville/SC, Porto Alegre/RS, Pelotas/RS, Barueri/SP, Erechim/RS, Pato Branco/PR, Lucas do Rio Verde/MT e Betim/MG. Outros padrões, todavia, ainda viriam se juntar a este(s). Testifica-o a Biblioteca Nacional, que, em sintonia com linha já adotada em outros momentos, apostaria em duas modalidades para a mesma mostra, adaptando-a aos formatos presencial e virtual. O primeiro ganharia vulto na virada de 2017 para 2018, perdurando por 60 dias; o segundo está à disposição até hoje para acesso *on-line*.

Nota-se, por conseguinte, que sob um termo comum – “exposição” – está em jogo em 2017 a oferta de experiências diferentes e com alcances muito variados. Para nos atermos às distinções fundamentais, em uma das direções privilegia-se o contato presencial, direto, imediato com narrativas e/ou objetos e imagens por vezes raros (Chelini e Lopes, 2008, p. 213), de coleção (Pomian, 1984), emblemáticos de momentos históricos marcantes, em ambientes preparados para uma imersão no enredo evocado. Noutra proposta, a experiência é intermediada pelo computador, *tablet* ou *smartphone*. De frente para a tela, o apelo se dirige aos olhos e ouvidos. Imagens fixas e em movimento, sons e cores procuram cativar um visitante internauta. Mas o ambiente e a experiência são outros. Mediada pela tela, que reproduz virtualmente um objeto outrora concreto, perde-se ao menos uma parte da “aura” da arte e da experiência (Benjamin, 1994). Em contrapartida, a tecnologia dilata exponencialmente o alcance. Das salas restritas, onde se excursiona em presença física, alcançam-se ambientes de acessos mais amplos; “adentra[-se] o universo do saber de modo mais democrático e amplo para outros interessados” (Cavalcante, 2007, p. 103).

Alternando agora um pouco o foco, as informações dispostas no quadro 1 também abrem caminho para desnudar outros aspectos distintivos muito importantes a respeito dessas exposições comemorativas. Nosso segundo destaque recai sobre a multiplicidade de leituras e

apropriações de que o mesmo tema seria alvo em 2017⁷. Afinal, se por “exposições relativas ao 5º Centenário da Reforma” *a priori* se espera encontrar mostras essencialmente confessionais e homogêneas, o que se nota pela coluna 1 do quadro é algo distinto. Do ponto de vista temático, a expressão “exposição dos 500 anos da Reforma Protestante” é apenas um rótulo que encobre olhares surpreendentemente diversificados.

Isso porque as exposições existem nessa efeméride como iniciativas de interesse religioso, mas também secular; de ordem privada, enquanto apropriação de denominações religiosas distintas, e ao mesmo tempo pública, no sentido estatal do termo (Chartier, 1990). Dessa forma, elas seguem tônicas diferentes. No âmbito das instituições públicas, como a Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) ou a Biblioteca Nacional, é de se supor a ênfase na Reforma como acontecimento histórico e de interesse coletivo. Já na esfera religiosa, onde prevalecem as ligações de ordem emocional, as filiações afetivas e privadas no sentido denominacional, o realce deverá ser reverencioso. As leituras promovidas em quaisquer dessas esferas, contudo, nem por isso são homogêneas. Enquanto a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e a Comissão Luterana do Jubileu consagram Lutero, o protestantismo, reformadores luteranos como Johannes Bugenhagen (1485-1558) e comunidades locais em suas exposições, a Mackenzie destacaria Calvino e a trajetória da Igreja Presbiteriana no Brasil. Com outro enfoque, a exibição “No Princípio era o Verbo” realçaria a Escritura Sagrada (ver quadro 1).

Percebe-se, desse modo, que a etiqueta “exposição dos 500 anos da Reforma no Brasil” pouco mais é do que uma simplificação palatável, ante a diversidade de tipos, recortes e apropriações de que o mesmo assunto foi objeto em 2017 (Chelini e Lopes, 2008). O 5º Centenário em exibição foi sobre Lutero, Calvino, as igrejas protestantes enraizadas nessas reformas, os documentos existentes em acervo sobre o tema, a arte, entre outros. Algumas vezes, além disso, interesses religiosos e seculares, públicos e privados poderiam se cruzar ou se sobrepor, como aconteceria, por exemplo, com a mostra organizada pela Sociedade Bíblica do Brasil (SBB), em colaboração com o Sindicato das Indústrias Gráficas do Estado do Paraná (ABIGRAF). Na ocasião, enfatizar-se-iam a um só tempo os livros sagrados do cristianismo e os progressos da indústria gráfica no período da Reforma (Fiep, 2017). Não se trata de simples coincidência, cabe observar. É este um nítido sinal de que, na modernidade brasileira, a religião

⁷ Referimo-nos sempre às apropriações do tema por parte dos organizadores das exposições. A recepção por visitantes não será investigada neste trabalho.

não só não foi relegada por inteiro ao espaço privado, à invisibilidade ante os avanços da secularização, como segue atuante no espaço público (Siuda-Ambroziak, 2013-2014; Machado, 2015; Berger, 2017), tema que retomaremos mais adiante.

Isto posto, vão se tornando claros os tipos, formas e o que/quais eram as exposições dos 500 anos da Reforma Protestante no Brasil. A multiplicidade as caracterizava. Longe de mera formalidade, o deslindar dessa primeira questão constitui base analítica fundamental, que aguça ainda mais a curiosidade registrada na série de perguntas elencadas no início. Afinal, mediante a riqueza de episódios mencionada, resta agora inadiável indagar: por que a imagem da Reforma foi tão requisitada e representada em mostras tão diferentes e tão espargidas em 2017? Emanaria tal interesse das acentuadas transformações no campo religioso do período? Se sim, como essa imagem comemorativa dialogava com tais transformações?

Em face de questões tão abrangentes, mas ao mesmo tempo tão específicas como essas, a visada geral percorrida nesta primeira seção torna-se menos efetiva; ela não nos possibilita, por exemplo, sondar as motivações específicas das mostras citadas, ponto imprescindível para avançar na discussão do problema. Em busca de novas pistas, modulemos então as lentes de observação. Do olhar panorâmico privilegiado até aqui, passemos ao particular, às complexidades da experiência singular, no que ela tem de reveladora a respeito do universo que a abriga (Revel, 1998) – com ela, perceberemos que: 1) há mais nessas exposições alusivas aos 500 anos da Reforma que a celebração do fato histórico-religioso em si; 2) na associação com uma força em expansão na sociedade brasileira à ocasião é que a procura pelo tema encontraria impulso e ganharia sentido(s). Concentremo-nos, então, em apenas duas das exposições citadas.

A primeira, a mostra “Protestantismo ontem, hoje e em perspectiva”, organizada pela IECLB; a segunda, “Lutero: 500 anos da Reforma”, a cargo da Biblioteca Nacional. Tais escolhas, cabe desde logo justificar, decorrem principalmente da necessidade de examinar ocorrências de tipos e campos diferentes a fim de responder as questões propostas, e também pela representatividade dos promotores dessas exposições. A IECLB era participante da Comissão Luterana do Jubileu⁸, fundada com seis anos de antecedência para preparar as comemorações; já a Biblioteca Nacional constituía-se numa das mais importantes instituições públicas de conhecimento e de consagração memorial existentes no Brasil. Vejamos.

As exposições na órbita das transformações religiosas

IECLB: “Protestantismo ontem, hoje e em perspectiva”

Sem incorrer em exageros, pode-se dizer que a IECLB⁹ dedicou-se intensamente à comemoração dos 500 anos da Reforma em 2017. Para além de um mero dever protocolar – de celebrar a fundação do luteranismo –, tudo indica que a efeméride foi experimentada pela Igreja como um momento ímpar, que não poderia de modo algum passar despercebido. Nesse sentido, desde 2011 atividades diversas seriam planejadas e postas em prática por ela. No bojo de tais iniciativas é que a exposição “Protestantismo ontem, hoje e em perspectiva” seria engendrada.

Conforme noticiava o *site* da IECLB, o empreendimento da mostra partia da “Comunidade de Campinas”, cuja ideia inicial seria promover uma exposição que estivesse “aberta ao público em nosso templo nos meses de junho e outubro”, fosse “apreciada em eventos especiais da comunidade” e fosse “itinerante” (Portal Luteranos, 2017). Ainda conforme as notícias do mesmo *site*, ao menos duas outras comunidades do estado de São Paulo teriam se alinhado à ação: Rio Claro, com apoio da Prefeitura, no Casarão da Cultura, entre 18 e 28 de julho de 2017, e Santo André, na Câmara Municipal, entre 25 de setembro e 2 de outubro.

Um aspecto que se destaca já nessas menções à atividade nos *sites* e *blogs* luteranos é a clareza da proposta formulada pela Igreja. Não se tratava de organizar uma exposição de relíquias históricas para aquecer a memória do visitante. Objetos ou fotografias raras, que precisariam ser cercados de cuidados e, por isso, demandariam condições muito específicas, seriam preteridos. O que se esperava fazer era “contar passos e objetivos importantes do Movimento da Reforma”, disseminar o conhecimento “da Reforma, da Igreja Luterana e do protestantismo de hoje” (Luteranos Campinas, 2017). Nesse sentido, a facilidade de circulação dos *banners*, assim como o interessante jogo de palavras, imagens e formas gráficas que neles podiam ser inscritas apareciam como perfeitamente adequados aos propósitos imaginados para a ação.

Com algumas variações (ver figura 1), o padrão adotado assumiria as seguintes formas: um título em letras maiúsculas, centralizado no alto da arte, uma ou mais imagens em cores acompanhadas de textos curtos e com informações fundamentais, do centro para cima, e

⁸ Integravam a Comissão do Jubileu a IECLB e a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB). Desde sua criação, o comitê atuou em sintonia com a Federação Luterana Mundial nos preparativos para o 5º Centenário, além de desenvolver projetos próprios para a comemoração no Brasil. Para mais informações, consultar os *sites*: Portal Luteranos (<https://www.luteranos.com.br/>) e Igreja Evangélica Luterana do Brasil (<https://www.ielb.org.br/&r=1>).

⁹ A Igreja Luterana chegou ao Brasil com imigrantes, por volta de 1824. Desse período em diante difundiu-se para diversos estados brasileiros.

pequenos quadros com notas complementares, na parte de baixo. Em rodapé, patrocinadores e um QR code para mais informações, o que, considerando o ano, evidencia alinhamento aos avanços tecnológicos.

A mesma clareza no que tange às formas, cabe ainda de início dizer, alcançaria também os conteúdos. No quadro 2, temos a relação completa dos painéis exibidos pela IECLB de Campinas.

Em consonância com a proposta temática – “Protestantismo ontem, hoje e em perspectiva” –, pode-se distinguir no quadro a subdivisão dos pôsteres em dois eixos principais, que aspiram a dar conta da dimensão temporal evocada. São eles: teologia e história da Reforma (telas 1 a 5) e legados e protestantismo hoje (6 a 10). Tangenciando o problema que nos move, acompanhemos o percurso idealizado.

Com efeito, o tom cuidadoso conferido à abordagem se faz notar já no primeiro eixo, que se volta ao passado. Trata-se de um estudo teológico e histórico diligente, perpassado, no entanto, por preocupações didáticas e recurso a linguagem atual, acessível ao público mais amplo. O *banner* 1 bem o exemplifica. Reportando-se a “A fé retratada na Idade Média”, a clássica tese de Jean Delumeau (2009) acerca da história do medo no Ocidente é mobilizada – ainda que não citada. A Europa pré-Reforma convive face a face com a morte (em guerras, fome, pandemia) e o temor pela salvação das almas toma conta dos fiéis. A Igreja, contudo, ao invés de combater, alimenta esse medo, insistindo em remédios antigos e onerosos, como as

indulgências. É em resposta ao comércio de indulgências, mas também à carência de respostas doutrinárias perante o medo que se consuma a Reforma. Esse argumento é deslindado didaticamente no painel da seguinte maneira:



Figura 1 – *Banner 1: A fé retratada na Idade Média*

Fonte: Luteranos Campinas (2017).

Quadro 2 – Banners da exposição “Protestantismo ontem, hoje e em perspectiva”

Ordem	Título
1	A fé retratada na Idade Média
2	As 95 teses – a redescoberta do Evangelho
3	Reforma, um movimento de fé
4	Reforma, um movimento da sociedade
5	Controvérsias em Lutero: camponeses e judeus
6	Legados da Reforma
7	Mulheres reformadoras
8	A Igreja Luterana em Campinas, SP
9	Protestantismo hoje
10	Presença Luterana na região de Campinas

Fonte: Luteranos Campinas (2017).

Do alto ao centro, uma obra de arte visualmente impactante – o Juízo Final, de Hans Memling – é examinada em sete detalhes; na parte inferior, explica-se o contexto do medo em uma sequência de quatro quadros, com imagens e textos curtos.

Com estratégias semelhantes, outros temas clássicos da Reforma são revisitados nos pôsteres seguintes, tais como as 95 Teses, os quatro *Solas* (somente Cristo, somente a Fé, somente a Escritura, somente a Graça) e as Guerras dos Camponeses na Alemanha. Algo que merece destaque nessa excursão histórico-teológica é o acerto de contas com o passado, realizado no *banner* 5, “Controvérsias em Lutero: camponeses e judeus”. Assunto espinhoso por muito tempo, os escritos hostis do reformador contra os judeus – por questões doutrinárias – e em favor da repressão sangüinária dos levantes camponeses de 1524-1525,

na Alemanha¹⁰, são enfrentados sem procurar absolver o ex-monge ou culpar as vítimas. É bem verdade que no primeiro momento (parte central do pôster) tais atitudes de Lutero são apresentadas “dentro do contexto em que elas ocorrem”. Todavia, na segunda parte (a inferior) outro ponto de observação é instituído – o da Igreja hoje – em que se exprobam esses escritos luteranos, apontados como os limites do movimento reformador.

Em termos de estratégia argumentativa, exorcizar os traumas do passado é também abrir caminho para destacar os legados da Reforma e o protestantismo hoje. Não à toa, logo no pôster seguinte (o sexto) os olhares são conduzidos a este segundo eixo. A transição, entretanto, é suave. A urdidura tecida nas telas anteriores já se encarregara do principal: mostrar que as ideias de Lutero não se restringiam às fronteiras da religião, pois o protestantismo seria um movimento da sociedade. “[...] o bem que recebi de Cristo quero, por gratidão, oferecer para a outra pessoa. Isto é ser livre – livre para fazer o bem” (*banner* 6).

Neste passo, cujas intenções declaradas são dar a conhecer “como os protestantes expressam a fé em Deus e o amor ao próximo”, constrói-se também um tipo ideal de protestantismo que vale a pena observar. No *banner* 6, por exemplo, se lê:

A vivência da fé cristã ganha forma no encontro da comunidade em culto a Deus, na leitura da bíblia, na oração diária, nos muitos grupos de vivência da fé, no respeito à fé da outra pessoa, na diaconia e na prática pastoral, no engajamento social, na promoção da igualdade dos gêneros, na prática da justiça, na atuação pela paz e no cuidado com a criação de Deus.

É, portanto, um “viver no mundo”. Para além das atividades de culto, ser protestante hoje implicaria tolerância religiosa, igualdade dos gêneros (*banner* 7), cuidados para com o meio ambiente e defesa da justiça. Pensadas em relação ao século XVI, essas são também ressignificações do protestantismo (Chartier, 1990), que o sintetizam com as novas sociedades, produzindo, simultaneamente, a propaganda de uma prática da religião atual, “moderna”. Nessa perspectiva, os *banners* 8 e 10 encerram o itinerário com informações sobre a história e a organização da IECLB na região de Campinas, que abrange cidades como Limeira, Cosmópolis, Indaiatuba, Ribeirão Preto e Rio Claro, entre outras¹¹.

Não cabem dúvidas, após esse percurso, sobre o que está em primeiro plano na exposição da IECLB. A mostra

de *banners* é informativa acerca do passado e do presente do protestantismo, apontando para seu futuro. Salta à vista o caráter didático-pedagógico que a perpassa, tal como o *marketing* da Igreja em seu 5º Centenário. Na contramão do que está evidente, contudo, muitos aspectos e escolhas – que interessam diretamente ao esclarecimento das questões levantadas antes – permanecem à sombra. Não fica claro, por exemplo, por que, em vez de realçar objetos de valor histórico, como de praxe, a prioridade foi concedida a “contar”, ensinar, instruir por meio de pôsteres; por que a palavra “evangélico” – que está no nome da Igreja – foi sistematicamente substituída no título e nos *banners* por “protestante”; por que a exposição sobre os 500 anos da Reforma, no fim das contas, acabava se convertendo em propaganda do protestantismo e de sua atualidade.

Isso tudo nos leva a crer que, para além de celebrar especificamente o fato 500 anos da Reforma Protestante em 2017, a exposição levada aos gradis pela IECLB seria dotada também com outros sentidos. Na ausência de mais explicações nos *sites* que divulgam a mostra, uma rápida observação dos dados do período e da bibliografia que versa sobre o campo religioso brasileiro se afigura sugestiva.

Com efeito, já há algumas décadas pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) vêm apontando a diminuição no número de fiéis que se declaram católicos e, em contrapartida, o crescimento dos evangélicos no Brasil. Se em 1991 83,3% da população se dizia católica, em 2000 esse percentual era de 73,9% e em 2010, de 64,6%. Nesse mesmo período, a população evangélica saltou de 9%, em 1991, para 15,4% em 2000 e 22,2% em 2010 (IBGE, 2012).

Um primeiro aspecto que se destaca com base nesses dados é a persistência da religião no Brasil, mesmo diante do processo de secularização da vida ocorrido no Ocidente, como tematiza Weber (1993). A perda de fiéis do catolicismo resulta sobretudo no incremento do corpo evangélico e não na descrença na religião ou em sua invisibilidade. Por aqui,

[...] pelo menos algumas das hipóteses clássicas da secularização da religião, por exemplo a marginalização progressiva e irreversível da religião e o efeito adverso do pluralismo e da tolerância na esfera religiosa, não se confirmam atualmente [...], pois esta, embora registre mudanças, não desaparece (Siuda-Ambroziak, 2013-2014, p. 441)¹².

¹⁰ Na guerra, que se espalhou por diversas regiões da atual Alemanha, estavam envolvidas reivindicações econômicas e religiosas de camponeses. Contra as forças aristocráticas, porém, os revoltosos tiveram poucas chances, terminando derrotados e com milhares de mortos.

¹¹ Na mostra realizada em Santo André, apenas os pôsteres 8 e 10 não seriam utilizados. Em lugar deles, entrariam outros três relativos à IECLB da região.

¹² Original em espanhol: “[...] al menos algunas de las hipótesis clásicas de la secularización de la religión, por ejemplo de la progresiva y irreversible marginalización de la religión y el efecto adverso del pluralismo y tolerancia en la esfera religiosa no se confirman actualmente en Brasil, pues esta, si bien registra cambios, no desaparece”.

Mas, por outro lado, é preciso observar que nem todos os grupos religiosos brasileiros têm obtido o mesmo êxito nessa travessia. Repare-se o gráfico 1.

Conforme a classificação do IBGE, os evangélicos se subdividem em três grupos principais: os de missão ou protestantismo histórico, os pentecostais/neopentecostais, e os não determinados, os quais não se reconhecem nem em uma, nem em outra das classificações anteriores.¹³ Como se pode notar no gráfico, no período que antecede imediatamente a comemoração dos 500 anos da Reforma Protestante, entre 2000 e 2010, os evangélicos, de fato, estão em expansão. Mas esta expansão não é de todos os seus grupos. Enquanto os não determinados saltam de 1% para 4,9% da população, e os pentecostais e neopentecostais avançam de 10,4% para 13,4%, os evangélicos de missão, históricos e/ou protestantismo de imigração – grupo ao qual a IECLB pertence – mantêm os mesmos percentuais de 10 anos antes. Além disso, uma vez incluídos os dados de 1991, o crescimento registrado por eles foi de apenas 1 ponto percentual (Brandão e Jorge, 2018, p. 81).

Se a modernidade pode abrigar “múltiplos altares” (Berger, 2017; Machado, 2015), ao que parece, ocorre no novo cenário que vai sendo criado no Brasil uma perda de força, em termos de representatividade numérica ao menos, das chamadas igrejas históricas, que não obtêm o mesmo avanço de suas congêneres pentecostais, neopentecostais e não determinadas. Aos poucos, o campo religioso pende para práticas seja de “reavivamento espiritual”, seja de “teologias da prosperidade” (Pierucci e Prandi, 1996; Mariano, 2003) ou, ainda, de “ativismo cristão político conservador” (Mariano e Gerardi, 2019). Ao fim e ao cabo, é o campo religioso que se modificou, desafiando a posição e os princípios religiosos do protestantismo histórico, colocando-o sob pressão¹⁴.

No que se refere à vinculação com a política, por exemplo, faceta que mais tem chamado atenção nos últimos anos, Ronaldo de Almeida informa que, em 2015, “Dos 72 deputados evangélicos, cerca de um quinto pertence ao evangelismo não pentecostal enquanto quatro quintos pertencem ao evangelismo pentecostal” (Almeida, 2017, p. 9). Alteram-se os capitais e o controle do campo se transfere a outras mãos.

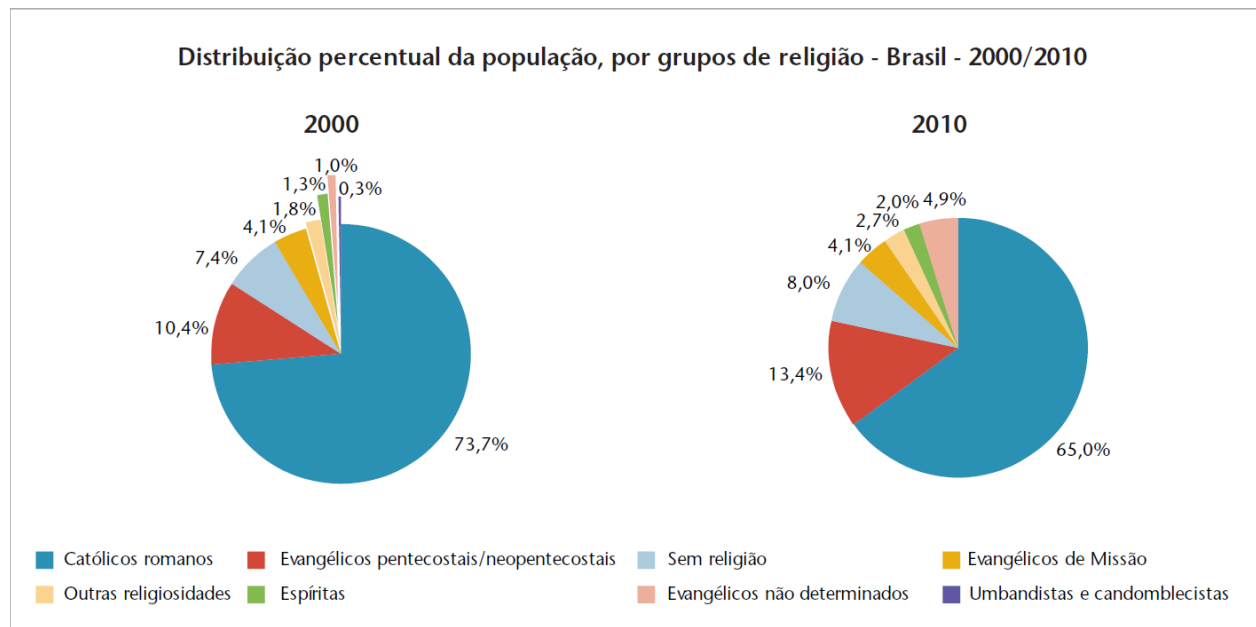


Gráfico 1

Fonte: IBGE (2012).

¹³ As igrejas evangélicas possuem várias divisões, com diversidade de denominações. De acordo com o Censo/IBGE, são evangélicos de missão ou protestantes históricos (identificados com os fundamentos teológicos da Reforma Protestante) os membros das igrejas Luterana, Presbiteriana, Batista, Metodista e Anglicana. Evangélicos “pentecostais” (emanados do movimento de “reavivamento” gerado nos EUA, em inícios do séc. XX) são os das confissões Congregação Cristã no Brasil, Assembleia de Deus, Evangelho Quadrangular, O Brasil Para Cristo e Casa da Bênção, entre outras. A classificação como “neopentecostal” (relacionada à “teologia da prosperidade”), por sua vez, recai sobre os prosélitos de igrejas como Universal do Reino de Deus, Renascer em Cristo e Mundial do Poder de Deus, entre outras. Por fim, nos termos do IBGE, existe um grupo que é denominado como “evangélicos não determinados”, agregando denominações que não se reconhecem nas demais classificações. Para informações mais detalhadas ver: Freston (1993), Mariano (1999), Campos (2011), Brandão e Jorge (2018).

¹⁴ Como ensina Bourdieu, “A estrutura do campo é um estado da relação de força entre os agentes ou as instituições envolvidas na luta ou, se se preferir, da distribuição do capital específico que, acumulado no decorrer das lutas anteriores, orienta as estratégias posteriores” (Bourdieu, 1983, p. 120).

À vista disso, os aspectos que ficaram à sombra na mostra da IECLB se tornam agora mais claros. A julgar pelos dados do período e a bibliografia especializada, em um momento em que transformações importantes estão acontecendo no campo religioso brasileiro, em que os protestantes históricos veem o avanço mais expressivo sobretudo de pentecostais e neopentecostais, os quais assumem novos capitais e o protagonismo no campo, em que outros tipos de práticas da religião – com as quais não estão de acordo – ganham terreno dentro do cristianismo e no espaço público, em que a própria face midiática e política dos evangélicos se projeta exponencialmente, o ensejo da efeméride se afigura como uma oportunidade de jogo, nos limites do campo religioso (Bourdieu, 2007), para defender a atualidade da doutrina luterana e a sua relevância enquanto Igreja perante seus próprios fiéis, os seus contendores e quem mais tivesse acesso à exposição. Por isso, era tão importante para a IECLB ensinar com clareza, em vez de exibir objetos na exposição; falar de um passado rigorosamente conectado ao presente e “em perspectiva”, ao contrário de concentrar-se apenas no fato; fazer a propaganda de um protestantismo sintonizado ao mundo e a pautas em voga em 2017, como a igualdade de gêneros e a ecologia. Nesse ambiente, a escolha do termo “protestante”, em lugar de “evangélico”, também não parece casual. Em entrevista à Deutsche Welle, em 2017, o pastor Cláudio Kupka, por exemplo, da Comissão do Jubileu, assevera que

O pentecostalismo tradicional veio dos Estados Unidos. Ele trouxe a valorização do Espírito Santo, dos milagres, as curas, o exorcismo [...]. O neopentecostalismo veio depois, não se prendendo tanto a doutrinas e valores morais, mas mais entrosado com o sistema de vida consumista, na busca de êxito pessoal, defendendo a teologia da prosperidade. A religiosidade empodera a pessoa para ela ser bem-sucedida. Isso nos trouxe problemas, pois eles ocuparam espaço na mídia e fizeram o termo “evangélico” ser associado ao que representam. Para não serem confundidos, os evangélicos luteranos procuraram outros nomes para serem identificados. E assim voltamos a usar “protestante” e valorizar a palavra “luterano”, para sairmos da ideia de que ser evangélico é estar interessado no dinheiro e explorar o povo (Kupka, 2017).

Simbolicamente, tensões e concorrências internas ao campo aqui vêm à tona com toda a força, em um

movimento que não é senão de tentar definir clérigos e profanos, autorizados e desqualificados. “Tal desvalorização”, em última instância, aspira a provocar “a deterioração do capital [...] e, em consequência, a ‘pauperização’ religiosa e a separação simbólica entre o saber *sagrado* e a ignorância profana” (Bourdieu, 2007, p. 40), representada na distorção supostamente operada pelos pentecostais e neopentecostais.

Por conseguinte, a despeito de seu caráter singular, o caso da mostra da IECLB nos traz pistas importantes acerca das questões de alcance geral levantadas antes – isto é, das razões de os 500 anos da Reforma serem tão demandados por meio de exposições em 2017 e das relações firmadas entre a imagem comemorativa e as mudanças vividas no campo religioso. Mediante a análise deste caso, percebe-se que a imagem da Reforma, para além de lembrar o fato do 5º Centenário, é requisitada também em função das crescentes concorrências do presente no campo religioso. Ela é criativamente ressignificada: de acontecimento do passado a alicerce do protestantismo na contemporaneidade. Isto, ou seja, a associação com as tensões do movimento evangélico em expansão¹⁵, impulsiona os interesses pelo 5º Centenário da Reforma e os significados a ele atribuídos. Dada a heterogeneidade das exposições realizadas, entretanto, antes de qualquer nova consideração, voltemo-nos ao caso 2, à mostra secular promovida pela Biblioteca Nacional.

Biblioteca Nacional: “Lutero: 500 anos da Reforma”

Propositamente, este segundo caso escolhido para análise tem diferenças importantes em relação ao primeiro. Antes de mais nada, trata-se de olhares por ângulos distintos, sendo um religioso e o outro secular. Para além disso, as duas exposições possuem também diferenças de públicos-alvo, equipes de trabalho, recursos financeiros envolvidos e, principalmente, de formato. Enquanto os luteranos concebem uma mostra de *banners*, itinerante, voltada a difundir menos objetos que ideias, a Biblioteca Nacional seguiria caminho oposto. O projeto colocado em curso por ela, como veremos, priorizava objetos raros, ambientes físico e virtual preparados.

Desse modo, na conceituação trabalhada por Chelini e Lopes, são propostas distintas, pois “No caso de a exposição ter como foco principal o conceito, o papel do texto passa a ser central”; por outro lado, “Se o objeto é o elemento principal [...] os exemplares estão dispostos

¹⁵ Como explicado antes, há variedade de divisões dentre os evangélicos. Por “movimento evangélico” entende-se aqui o grupo como um todo, em sua heterogeneidade, que se encontrava em expansão numérica, mas também política, econômica e cultural no país no período. Existe vasta bibliografia sobre o assunto, como Freston (1993), Mariano (1999), Campos (2011), Brandão e Jorge (2018), etc.

segundo padrões, como, por exemplo, a estética” (2008, p. 213, grifos nossos)

Enfrentar essas diferenças, contudo, é o preço para tentar entender mais sobre o universo dessas exposições. O quadro 3 apresenta o roteiro definido pelos organizadores da exposição virtual da Biblioteca Nacional – modalidade sobre a qual nos concentraremos, em razão da maior disponibilidade de materiais e, também, dos próprios limites do artigo¹⁶.

Como se vê, o percurso estabelecido para a visita virtual da mostra contempla 20 subdivisões ou capítulos. Cada qual segue um padrão gráfico que, em geral, inclui título, texto curto de apresentação e imagens de documentos expostos (ver figura 3).

Articulando-se por intermédio dessas formas gráficas, três eixos principais parecem se equilibrar ao longo dos capítulos: biografia de Lutero; a Reforma Luterana e suas

Quadro 3 – Capítulos da exposição “Lutero: 500 anos da Reforma”

Título do capítulo	Breve descrição
1. Apresentação	Textos de Helena Severo, Presidente da Biblioteca Nacional, e Ana Virginia Pinheiro, Chefe da Divisão de Obras Raras e Curadora
2. Lutero – a vida, antes e depois da vida	Cronologia – da invenção da tipografia à primeira edição de “Ética protestante e o espírito do capitalismo”
3. O mundo em que Lutero viveu	Docs. iconográficos e cartográficos dos sécs. XV e XVI, quando “o mundo parecia preparar-se para a Reforma”
4. Lutero – galeria	“Lutero, no tempo, a partir de retratos conjecturais e reais”
5. Indulgências	Docs. textuais do séc. XVIII relativos a indulgências
6. As 95 teses	As 95 teses em latim
7. Bíblia vulgata	Doc. iconográfico e Bíblias vulgatas raras, como a da Mogúncia (1462)
8. Bíblia – traduções proibidas	Docs. textuais: Bíblia traduzida por Lutero e outros exemplares raros em castelhano e português
9. Lutero e a Bíblia	Bíblia de Lutero e traduções inspiradas nela
10. Opositores	Textos de alguns pensadores católicos opostos a Lutero
11. Bulas	Bulas papais de 1519 e 1564
12. Conflitos religiosos	Livros sobre diversos conflitos entre católicos e protestantes nos sécs. XVI, XVII e XVIII
13. Expansão da fé	Livros e jornais relativos à evangelização na América do séc. XVI em diante, em especial no Brasil
14. Lutero em seu tempo	Mapa-múndi de 1515 (raro), Crônica de Nuremberg (livro que tentava representar o mundo à época) e hino luterano
15. Lutero – obras completas	Doc. representativo das obras de Lutero disponíveis na Biblioteca Nacional
16. Índex	Livros e periódicos com notícias da proibição às obras de Lutero
17. A Reforma na sociedade	“A obra de Weber resgata o pensamento reformado e trata de seus efeitos na sociedade.”
18. Anúncio	Anúncio em periódico sobre comércio de Bíblias no Brasil do séc. XIX
19. Referências bibliográficas	-
20. Créditos	-

Fonte: Biblioteca Nacional (2017b).

¹⁶ A exposição promovida pela Biblioteca Nacional também contou com edição presencial, entre 28 de dezembro de 2017 e 28 de fevereiro de 2018.

consequências; e a exibição da documentação do acervo sobre o tema. Tal como na análise precedente, cotejemos o roteiro estabelecido pelos organizadores da exposição, antes de debatermos o problema central que nos motiva. Vejamos.

De partida, cinco retratos do reformador, alguns deles raros, apresentam ao observador o personagem homenageado. O autor das 95 Teses é representado de criança a idoso. Pouco antes, um mapa do século XVI já havia sido utilizado para situar “o mundo em que Lutero viveu” e uma linha do tempo longa – com entradas que se estendem de 1440 a 1921 – empregada para dar a dimensão histórica do ex-monge. Assim, uma primeira sequência documental (caps. 2, 3 e 4) constrói para o visitante a imagem do agraciado com a mostra. Pelo alcance e o eco de suas ações na linha do tempo, Lutero aparece, logo de início, como um divisor de águas entre um antes e um depois na história da religião; como alguém que cindiu a cristandade e, conseqüentemente, abriu as portas para o mundo moderno do ponto de vista religioso (não por coincidência, “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, de Max Weber, encerra a linha do tempo).

O percurso vital de Lutero voltaria a ser destacado nos capítulos 9, 14 e 15. Antes, porém, seria a vez de sua criação, a Reforma. Nesse ponto, cabe observar que muito embora uma gama diversificada de estudos históricos¹⁷ venha insistindo há algum tempo na complexidade dos fatores que levaram às cisões religiosas do século XVI, assim como na insuficiência do argumento relativo aos abusos disciplinares do clero em tal explicação, é este o mote central da série emendada nos capítulos 5 e 6. Encadeiam-se neles as “Indulgências” e as “95 Teses”, sugerindo-se ao observador, mesmo se involuntariamente, que o comércio da salvação por parte do catolicismo não teria deixado outras opções a Lutero que não a ruptura em 1517. Como documento-chave do fato, as 95 Teses em latim recebem destaque no *site*-exposição e são disponibilizadas para *download*¹⁸.

Como nesse momento já se percebe, mediante o uso de sequências documentais organizadas por capítulos e textos curtos, uma perspectiva eminentemente aclamativa vai sendo construída na exposição¹⁹. Para Lutero confluem mudanças complexas, de grande envergadura histórica (caps. 2, 3 e 4); a Reforma decorre de falhas inaceitáveis do catolicismo (caps. 5 e 6). Sem abandonar semelhante perspectiva, o encadeamento seguinte (caps. 7, 8 e 9) – devotado às Escrituras Sagradas (*Sola Scriptura*) – traz à tona, no entanto, o outro eixo marcante que mencionamos acima, qual seja, o direcionamento da mostra a subtemas

para os quais haja documentos disponíveis no acervo, e em especial documentos raros.

Sobre este ponto, a curadora da exposição, Ana Virgínia Pinheiro, ressalta que, com exceção das áreas de cartografia e música, lacradas para reformas no prédio, todos os demais setores da biblioteca – manuscritos, iconografia, obras gerais, periódicos e obras raras – teriam sido intensamente mobilizados para viabilizar a exibição. Graças a isso, materiais algumas vezes só existentes na Biblioteca Nacional e nunca mostrados antes – muitos oriundos da Biblioteca Portuguesa, comprada pelo imperador Dom Pedro II no século XIX – puderam ser exibidos (Biblioteca Nacional, 2017a).

Dentre os documentos de destaque se encontrariam as Bíblias (vulgatas e traduzidas); algumas com anotações manuscritas de religiosos, estudiosos e até censores. Edições como a primeira Bíblia traduzida ao português, as Bíblias que pertenciam a Dom Pedro II, a Bíblia de Gutenberg ou a de Mogúncia – a primeira a ser impressa com indicação de data, lugar e nome do editor, em 1462 –, entre outras, seriam expostas em original ou fac-símile. Neste quesito, revelam-se diferenças importantes entre a exibição presencial, que permitia o contato pessoal com tais objetos, e a virtual, em que, pela tela de um equipamento, tem-se acesso a apenas uma fotografia do documento. Seja como for, o cariz da exposição da Biblioteca Nacional é perpassado pela exibição de tais peças. A figura 2 apresenta um dos documentos sobrelevados no ambiente virtual da mostra.

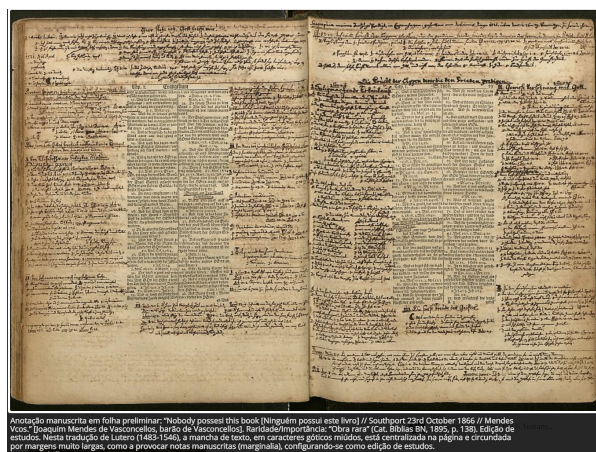


Figura 2 – Edição de estudos da Bíblia traduzida por Lutero
Fonte: Biblioteca Nacional (2017c).

¹⁷ Dentre os quais, Febvre (2012) e Delumeau (2009).

¹⁸ Em que pese o valor histórico atribuído a este documento, sabe-se, porém, que a ruptura definitiva entre Lutero e o catolicismo se concretiza somente com a sua excomunhão, em 1521.

¹⁹ As consagrações de personagens, temas e visões de mundo em instituições já são estudadas por historiadores e pesquisadores de diversas áreas há algum tempo. Dentre tais trabalhos, podem-se citar Schwarcz (1993), Brefe (2005), entre outros. Sobre a produção da história em lugares de consagração ver Certeau (1982).

Trata-se da Bíblia traduzida por Lutero, com anotações anônimas nas margens, como se vê, em edição de estudos rara.

Voltando aos capítulos 7, 8 e 9, é interessante observar que, por intermédio dos exemplares bíblicos expostos, voluntariamente ou não, acaba-se por reforçar a ideia de um Lutero defensor do acesso universal às Sagradas Escrituras e à leitura, e, alegoricamente, como um dos fundadores da modernidade, pela defesa de certa liberdade de consciência. Essas, todavia, são interpretações historicamente datadas e, cabe considerar, contestadas hoje por estudiosos diversos (Beutel, 2017).

Tal caráter grandiloquente com que reformador e Reforma vão sendo dotados na primeira parte da exposição, por outro lado, não deve ser entendido como uma recusa ou ocultamento das resistências, antagonismos ou guerras decorrentes das cisões desencadeadas com a Reforma.

Em sucessivos capítulos a partir do décimo, as ideias do reformador aparecem entravadas por opositores católicos (caps. 10, 11 e 16), bulas papais, Índex (caps. 11 e 16) e conflitos religiosos (cap. 12). De tudo tentaria o catolicismo para sufocar as ações luteranas. Episódios de extrema violência se produziram, sugerem os documentos selecionados. Certo dualismo, entretanto, se estabelece. Do lado católico prevalecem a autoridade, a imposição, a recusa à mudança (caps. 10, 11, 12, 16); de outra parte, Lutero luta por ideais em que acredita (caps. 6, 9, 15). Embora a repressão e a violência tenham dois lados, a um deles parece caber a posição do interdito. No capítulo 12, por exemplo, dos seis documentos listados apenas um se refere à violência exercida por protestantes.

Após trilhar esse percurso, na parte derradeira, finalmente as ideias triunfam. A expansão da fé leva a Reforma Protestante (e junto com ela a Reforma Católica) a alcançar as sociedades na Alemanha e além (caps. 13, 17, 18), atingindo o cotidiano em lugares tão distantes como o Brasil católico, onde no século XIX se anuncia a venda de Bíblias traduzidas (cap. 18).

Questões muito semelhantes às levantadas sobre a mostra da IECLB – e que conduzem a nosso problema de fundo, sobre os porquês das tantas exposições na efeméride de 2017 e as relações das mesmas com as mudanças vividas no campo religioso – a essa altura se fazem necessárias. Restra evidente que a exposição da Biblioteca Nacional enfatiza a importância histórica de Lutero e da Reforma, como desde o princípio era de se esperar, valorizando nomeadamente a documentação existente em acervo acerca do tema. No entanto, não fica claro, por exemplo, por que os conhecimentos históricos atualizados – dos quais se valera mesmo a mostra confessional da IECLB – foram deixados de lado, ante a construção de sequências aclamativas que se aproximam muito mais da chamada

história positivista; por que as controvérsias sobre Lutero receberam tão pouco espaço na mostra; por que, enfim, os 500 anos da Reforma se tornaram pauta de uma exibição enaltecida, em uma das mais importantes instituições públicas de consagração de um país de maioria católica. Neste ponto, não é demais lembrar que no cenário de 2017 já eram pronunciadas críticas contundentes a personagens da modernidade europeia, em um movimento que alcançaria o apogeu nos anos seguintes, com ataques a estátuas de colonizadores e racistas em geral. Ainda que Lutero não se enquadre nessas categorias, sabe-se que de sua lavra saíram textos nada amigáveis contra judeus, debates acirrados contra o livre-arbítrio do ser humano no mundo e recomendações de violência contra “radicais” religiosos de sua época. Esses, ao que parece, são motivos que poderiam colocar em xeque a realização da exposição.

De sua parte, os organizadores do evento mostraram-se cientes da controvérsia. Em dezembro de 2017, o *site* da Biblioteca Nacional noticiava que “A curadora Ana Virginia Pinheiro [...] ressalta o caráter polêmico da história de Lutero e, por isso, ela sabe que alguns textos que serão expostos poderão deixar muitos historiadores contrariados” (Biblioteca Nacional, 2017a). Duas justificativas, entretanto, são apresentadas para levar adiante a iniciativa. Por um lado, Helena Severo, presidente da Biblioteca Nacional, ressalta que “A exposição [...] é mais uma iniciativa de abertura dos acervos desta instituição que se inscreve na política de democratização e ampliação do acesso à produção do conhecimento” (Biblioteca Nacional, 2017b). Por outro, a curadora propõe que

“A história de Lutero é mal contada na literatura. O próprio personagem era contraditório; enquanto muitos de seus seguidores eram perseguidos e queimados em esfinge, ele vivia muito bem, protegido por um príncipe. Lutero era o santo e o demônio! Para os biógrafos católicos, era nefasto; para os protestantes, ídolo”. A exposição, explica, evita dar relevância aos seguidores e aos opositores de Lutero. “Ele é o centro. [...]” (Biblioteca Nacional, 2017a).

A possibilidade de concretizar uma mostra de “meio-termo”, contudo, desde o princípio se revela muito difícil, seja pelas pressões de possíveis críticos da iniciativa ou por fatores menos evidentes, mas muito importantes, como os limites do próprio acervo da biblioteca. Como ensina Jacques Le Goff (2013), documentos históricos são também monumentos. Não consistem em fragmentos isentos do passado a reporem os eventos da maneira como aconteceram. Constituem, na verdade, seleções dentre um universo de possibilidades e, como tais, preservam memórias. Em face das considerações de Le Goff e a julgar

CONFLITOS RELIGIOSOS

Testemunhos da intolerância religiosa, a partir dos diversos conflitos entre católicos e protestantes nos séculos XVI, XVII e XVIII.

VEJA TODOS OS OBJETOS DA EXPOSIÇÃO



[livro] MÉRIMÉE, Prosper, 1803-1870. A n...



[livro] 1942. ZOFF, Otto, 1890-1963. Os Hu...



[livro] 1938. DUMAS, Alexandre, 1802-1870....



[livro] DROYSEN, Gustav, 1838-1908. Istori...



[livro] VERSTEGAN, Richard, ca. 1550-1640....



[livro] Trata-se de uma análise "imparc...

Figura 3 – Capítulo 12: Conflitos religiosos

Fonte: Biblioteca Nacional (2017d).

pela documentação exposta na mostra, prevalecem nos arquivos da centenária instituição de saber documentos de origem oficial e concernentes especialmente às elites letradas da época, tendendo a consagrar (ou detratar) o reformador, mesmo quando mostram as consequências violentas de suas ações.

Diante disso, ao que parece, as motivações para seguir com a pauta e, mais ainda, com a abordagem nela predominante precisam ser buscadas em outro ponto. Atentemos rapidamente ao cenário de fundo que permeia a exposição. Como já sinalizado, a Biblioteca Nacional não

foi a única instituição pública a homenagear os 500 anos da Reforma em 2017. País afora, em Assembleias Legislativas e Câmaras de Vereadores, sessões solenes foram realizadas; selos comemorativos foram lançados pelos Correios; a UFRGS e a Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte também empreenderam exposições; em numerosos municípios, 31 de outubro foi celebrado como feriado e/ou data comemorativa. Na Câmara dos Deputados, por sua vez, por iniciativa sobretudo (mas não exclusivamente) da Frente Parlamentar Evangélica, uma sessão solene foi dedicada a comemorar os 500 anos da Reforma Protestante.

A consistência, em termos quantitativos, de homenagens em instituições públicas diversas sugere que, se no interior do campo religioso, Lutero e a Reforma foram alvos de disputas entre denominações evangélicas distintas (como dito sobre a exposição anterior), no espaço público outras interpretações mais englobantes dos mesmos temas seriam possíveis. No discurso do deputado Hidekazu Takayama (PSC), líder da Frente Evangélica na Câmara, por exemplo, pistas importantes ficam à mostra:

[...] é uma satisfação enorme ser o primeiro orador desta sessão, que homenageia a Reforma Protestante. Na verdade, não deveria ter sido usado, no caso, o termo protestante, pois ela tratou apenas de corrigir rumos do nosso cristianismo. Eu não gosto da palavra protestante, porque dá a impressão de que estamos protestando contra alguma coisa. Não, estamos apenas vivendo a nossa regra de fé, seguindo a nossa constituição maior, que se chama Bíblia Sagrada. [...]

Exatamente há 500 anos, o monge Martinho Lutero divulgou suas 95 teses, com que ele simplesmente reescrevia a Bíblia. [...]

Estamos aqui reunidos [...] para celebrar este marco na história, 31 de outubro de 1517, quando o monge Martinho Lutero [...] pregou 95 teses na porta da Catedral de Wittenberg, na Alemanha. Um dos grandes questionamentos de Lutero era exatamente o de não se sair da Bíblia (Takayama, 2017).

A insistência do deputado Takayama na Bíblia como ponto capital da Reforma e na recusa do termo “protestante” não é fortuita. O líder da Frente Evangélica escolhe pontos para seu discurso que a um só tempo soblapam as divergências entre os evangélicos e realçam seus aspectos em comum, em particular o *Sola Scriptura* (“a nossa constituição maior”; princípio que está justamente nas bases de todas as confissões que se opuseram ao catolicismo). Com o concurso da bibliografia especializada, pode-se cogitar que mais do que simplesmente ampliar a abrangência da data comemorativa para se contrapor aos luteranos, a generalização proclamada pelo orador pode servir também para mobilizar o grupo religioso em favor de outras questões candentes na conjuntura.

Com efeito, estudos variados vêm assinalando a expansão de uma onda político-religiosa conservadora nas últimas décadas em países do continente americano e em particular no Brasil. Embora o fenômeno tenha adquirido projeção maior com a eleição presidencial de Jair Bolso-

naro, em outubro de 2018, Mariano e Gerardi explicam que o seu crescimento guarda relações com um conjunto de pautas que aos poucos vieram à tona na sociedade brasileira, como a “[...] união civil de pessoas de mesmo sexo, aborto, direitos humanos, família, gênero, educação, laicidade, entre outros temas” (2019, p. 63)²⁰.

Por certo, o movimento de combate a essas pautas é complexo e não envolve apenas os evangélicos, como ressalta Ronaldo de Almeida:

Assim como nem todos os evangélicos são conservadores, a pauta conservadora vai além da pauta dos evangélicos conservadores. Dela participam também católicos, outras religiões e não religiosos.

O que se configura como a chamada “onda” [conservadora] é, portanto, um emaranhado de vários jogadores em diferentes tabuleiros (Almeida, 2017, p. 25).

Ainda assim, Maria das Dores Campos Machado lembra que os pentecostais e neopentecostais, que encabeçam esse tipo de ativismo conservador entre os evangélicos, teriam se engajado na causa a ponto de desenvolverem o entendimento da atuação na política como “[...] uma forma de batalha, na qual os que não seguem o cristianismo devem ser combatidos. Ou seja, o discurso predominante [...] parece advir da teologia da guerra ao mal que, em diferentes momentos da história ocidental, gerou perseguições às minorias culturais” (2015, p. 66)²¹.

Nesse sentido, ao que parece, no momento da comemoração de 2017, longe de acirrar as disputas internas ao próprio campo religioso, interessa aos pentecostais e neopentecostais – que de momento detêm os maiores capitais em votos e representação política, colocando-se como lideranças neste campo – selar o grupo em favor da “guerra ao mal” travada nos campos político e social²²; isto é, juntar todas as forças e verter energias na tentativa de fazer ver e fazer crer, de tornar verdade em outros campos os valores e sentidos entendidos como “naturais” pelos setores que, entre os evangélicos, detêm os maiores capitais.

Invertendo agora ligeiramente o ângulo de observação, pode-se, pensar, então que não é apenas uma disputa com a IECLB que está em jogo na leitura ampliada da comemoração do 5º centenário em 2017. Homenagear a Reforma é tentar unir o grupo em meio a uma “guerra”. Mais do que isso. É uma forma de exercer pressão política, tornando necessário a vários órgãos do Estado reconhecer, publicamente, datas de referências que lembravam

²⁰ Sobre as nuances da onda conservadora no Brasil, ver Almeida (2017).

²¹ A análise realizada pela autora inclui também o grupo católico carismático, ao qual não nos dedicaremos neste artigo.

²² A posição dos evangélicos de missão em relação ao ativismo político não é consensual, estendendo-se da participação ativa até a recusa.

os evangélicos, faziam jus à visibilidade e ao poderio por eles angariado.

Sendo esse o cenário de fundo da mostra capitaneada pela Biblioteca Nacional, não é abusivo então conjecturar que, ao persistir, mesmo diante de todas as controvérsias reinantes, em notabilizar um personagem tão polêmico – com uma abordagem eivada de colorações positivistas e singularmente comedida sobre pontos delicados do tema –, não estaria também a Biblioteca Nacional cedendo espaço à consagração secular de um marco do movimento evangélico, o qual, além de pressionar por isso, expandia-se como grupo e, consequentemente, público-alvo da exposição?

Visto por esse prisma, em que pesem todas as diferenças de formato e campo social, emergem neste segundo caso examinado pistas semelhantes às do anterior para esclarecer nossas indagações centrais, acerca dos motivos de o 5º Centenário da Reforma ser tão enfocado em exposições em 2017 e das relações da imagem comemorativa com as mudanças experimentadas no campo religioso. Ao que tudo indica, na mostra ora em questão a imagem da Reforma também atuava para além de repor o fato histórico em si. Subordinada aos anseios de divulgar raridades do acervo da Biblioteca a público mais amplo, a exposição acaba por pender a uma narrativa tradicional, épica, que vem a calhar aos propósitos de consagração pública de um ícone dos principais interessados nesse viés exibicionista – para isso concorre, afinal, a opção de colocar em relevo e a salvo de críticas contundentes o Lutero que marcou a história ao lutar contra os abusos e a corrupção dos poderosos (caps. 5 e 6), ou ainda o “Lutero da Bíblia” (com 4 dos 20 capítulos da mostra) e, portanto, “pai” de todos os evangélicos, como sugeria Takayama. Novamente, vinculada a este movimento a imagem da Reforma é impulsionada.

Considerações finais

Uma vez concluídas as considerações a respeito dos dois casos a que nos dedicamos nas últimas seções, enfim, torna-se possível retomar o conjunto de questões deixadas em aberto e, unindo as partes, completar o argumento esboçado. Por que, afinal, a imagem da Reforma foi tão requisitada e representada em exposições tão diversas no Brasil de 2017? Seria tal interesse fruto das acentuadas transformações vividas no campo religioso no período? Em caso afirmativo, como essa imagem dialogava com tais transformações?

Os dois casos estudados mais de perto, a despeito de suas singularidades e significativas diferenças, apontam, entretanto, para aspectos de caráter geral que são fundamentais. Seja no campo religioso (da IECLB),

seja no secular (da Biblioteca Nacional), a imagem da Reforma Protestante em 2017 aparece associada a uma força em processo de expansão na sociedade brasileira do período, que, dotando-a de novos sentidos, eleva o fato histórico-religioso pontual a novos patamares de interesse: o movimento evangélico. A vasta diferença entre os episódios analisados evidencia a complexidade e a difusão dessa força, que atrai para sua órbita a comemoração.

Na mostra organizada pela IECLB, tudo aponta para a tentativa de ressignificação dos 500 anos da Reforma como símbolo da tradição e, ao mesmo tempo, da atualidade do protestantismo histórico, ante as transformações e concorrências com pentecostais e neopentecostais, que agitavam o próprio campo religioso brasileiro. Já na exposição secular da Biblioteca Nacional, por sua vez, o acontecimento histórico se emparelha a um ícone da expansão dos evangélicos também no campo secular do país, em especial dos pentecostais e neopentecostais – enquanto grupo que, a despeito de suas cisões internas, pressiona instituições diversas pelo reconhecimento, quando não a imposição, de pautas e datas suas no espaço público, ou ao menos como público-alvo em significativa expansão, capaz de atrair eventos direcionados de instituições prestigiosas. Essas são, portanto, facetas diferentes, mas de um mesmo processo, que ajudam a explicar a candência da data. O tema é disputado, apropriado e ressignificado no interior de um movimento ascendente e heterogêneo. Em que pese a singularidade dos casos detalhados, não é exagerado assinalar que a mesma linha de força, com suas tensões e concorrências, perpassaria boa parte das outras exposições identificadas. A Expo-Reforma, por exemplo, realizada na Assembleia Legislativa de Rio Grande do Norte, por iniciativa do deputado Jacó Jácome, não ocultaria a intenção de homenagear os evangélicos com a mostra; a SBB, acompanhando as transformações religiosas no país, lançara a campanha “Mude o Brasil pela Bíblia”, um projeto destinado a distribuir 1 milhão de Bíblias ao longo do Jubileu dos 500 anos.

Logo, falar da Reforma em 2017 – e este é um ponto central – era mais do que se ater ao fato histórico-religioso do século XVI. Era falar também do presente, de forças evangélicas que cresciam, moviam-se em diferentes direções, campos e alteravam a sociedade. Na modernidade brasileira, a religião não apenas não ficou invisível, restrita à esfera privada ante a secularização, como tem avançado, por exemplo, na política, “como um elemento constitutivo da própria esfera pública brasileira” (Machado, 2015, p. 46). A imagem da Reforma, em diálogo com essas transformações, seria, então, apropriada, ressignificada em diferentes níveis, requisitada de maneira extensiva por conciliar essas duas dimensões – do passado e do presente. Nesse processo, as exposições são fundamentais, como

vimos, na medida em que permitem plasmar os jogos de memória que perpassam a comemoração e as disputas nela envolvidas.

Finalmente, a exemplo do movimento religioso do século XVI, a corrente que se associa ao jubileu em 2017 é multifacetada, dividida, aspira a reformar as igrejas e o mundo, mas por caminhos difusos. Caberia aos anos seguintes trazer à tona uma de suas facetas menos apazíveis.

Fontes

- BIBLIOTECA NACIONAL. 2017a. Exposição “Lutero - 500 anos da reforma” mostra material raro e inédito. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/acontece/exposicoes/2017/12/exposicao-lutero-500-anos-reforma-mostra-material> Acesso em: 21/09/2021.
- BIBLIOTECA NACIONAL. 2017b. Exposição Lutero: 500 anos da Reforma. Apresentação. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/exposicoes/lutero-500-anos-da-reforma/apresentacao-lutero/> Acesso em: 01/10/2021.
- BIBLIOTECA NACIONAL. 2017c. Exposição Lutero: 500 anos da Reforma. Lutero e a Bíblia. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/exposicoes/lutero-500-anos-da-reforma/lutero-e-a-biblia/> Acesso em: 01/10/2021.
- BIBLIOTECA NACIONAL. 2017d. Exposição Lutero: 500 anos da Reforma. Conflitos religiosos. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/exposicoes/lutero-500-anos-da-reforma/conflitos-religiosos/> Acesso em: 01/10/2021.
- FIEP, S. 2017. Evento comemorou 500 anos da Reforma Protestante e a evolução da indústria gráfica. Disponível em: <https://www.sesipr.org.br/evento-comemora-500-anos-da-reforma-protestante-e-a-evolucao-da-industria-grafica-2-31192-349157.shtml> Acesso em: 01/10/2021.
- KUPKA, C. 2017. “Se Lutero vivesse hoje, criticaria os pentecostais”. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2017/05/25/se-lutero-vivesse-hoje-criticaria-os-pentecostais.htm> Acesso em: 22/04/2021.
- LUTERANOS CAMPINAS. 2017. Exposição 500 anos da Reforma. Disponível em: <https://luteranoscampinas.wordpress.com/2017/05/24/exposicao-500-anos-da-reforma/> Acesso em: 01/10/2021.
- PORTAL LUTERANOS. 2017. Campinas, SP, organiza exposição acerca dos 500 anos da Reforma. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/campinas-sp-organiza-exposicao-acerca-dos-500-anos-da-reforma> Acesso em: 01/10/2021.
- TAKAYAMA, H. 2017. Discursos e notas taquigráficas. Disponível em: https://www.camara.leg.br/internet/sitaqweb/discursodireto.asp?nuSessao=329.3.55.O_1 Acesso em: 18/10/2021.

Referências

- ALMEIDA, R. 2017. A onda quebrada – evangélicos e conservadorismo. *Cadernos Pagu*, 50:1-27.
- BENJAMIN, W. 1994. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. Obras escolhidas I. 7ª ed., São Paulo, Brasiliense, p. 165-196.
- BERGER, P. 2017. *Múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*. Rio de Janeiro, Vozes, 288 p.

- BEUTEL, A. 2017. Martin Luther in the German Enlightenment. *Oxford Research Encyclopedia of Religion*. Oxford/UK, Oxford University Press. Disponível em: <https://oxfordre.com/religion/view/10.1093/acrefore/9780199340378.001.0001/acrefore-9780199340378-e-299> Acesso em: 01/10/2021.
- BOURDIEU, P. 1983. Algumas propriedades dos campos. In: BOURDIEU, P. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero, p. 89-94.
- BOURDIEU, P. 2007. Gênese e estrutura do campo religioso. In: BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, p. 27-78.
- BRANDÃO, A. P.; JORGE, A. L. 2019. A recente fragmentação do campo religioso no Brasil: em busca de explicações. *Revista de Estudos Sociais*, 69:79-90.
- BREFE, A. C. F. 2005. *O Museu Paulista: Affonso Taunay e a memória nacional*. São Paulo, Unesp; Museu Paulista, 336 p.
- CAMPOS, L. S. 2011. Pentecostalismo e Protestantismo “Histórico” no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças. *Horizonte*, 9(22):504-533.
- CAVALCANTE, L. E. 2007. Os percursos da memória: a exposição virtual *Cartes postales du Québec d’antan* como fonte de informação histórica. *Informação & Sociedade*, 17(3):99-105.
- CERTEAU, M. 1982. A operação historiográfica. In: CERTEAU, M. *A escrita da história*. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, p. 56-108.
- CHARTIER, R. 1990. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 244 p.
- CHELINI, M. J. E.; LOPES, S. G. B. C. 2008. Exposições em museus de ciências: reflexões e critérios para análise. *Anais do Museu Paulista*, 16(2):205-238.
- DELUMEAU, J. 2009. *História do medo no Ocidente (1300-1800)*. São Paulo, Companhia das Letras, 696 p.
- FEBVRE, L. 2012. *Martinho Lutero: um destino*. São Paulo, Três Estrelas, 360 p.
- FRESTON, P. 1993. *Protestantismo e política no Brasil*. Campinas, SP. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 307 p.
- GONÇALVES, C. B.; BELLOTTI, K. K.; SEAWRIGHT, L. 2017. Protestantismos e História: a propósito dos 500 anos da Reforma Protestante. *Fronteiras*, 19(34):07-12.
- IBGE. 2012. Atlas do Censo Demográfico 2010. Disponível em: https://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/Pag_203_Religi%C3%A3o_Evang_miss%C3%A3o_Evang_pentecostal_Evang_nao%20determinada_Diversidade%20cultural.pdf Acesso em: 01/10/2021.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. 2017. *Caminhos da memória: para fazer uma exposição*. Brasília, IBRAM, 88 p.
- LE GOFF, J. 2013. Documento/Monumento. In: LE GOFF, J. *História e memória*. 7ª ed., Campinas, Ed. Unicamp, p. 485-499.
- MACHADO, M. D. C. 2015. Religião e política no Brasil contemporâneo: uma análise dos pentecostais e carismáticos católicos. *Religião & Sociedade*, 35(2):45-72.
- MARIANO, R. 1999. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 5ª ed., São Paulo, Loyola, 248 p.
- MARIANO, R. 2003. Efeitos da secularização do Estado, do pluralismo e do mercado religiosos sobre as igrejas pentecostais. *Civitas*, 3(1):111-125.
- MARIANO, R.; GERARDI, D. A. 2019. Eleições presidenciais na América Latina em 2018 e ativismo político de evangélicos conservadores. *Revista USP*, 120:61-76.
- MENESES, U. T. B. 1994. Do teatro da memória ao laboratório da

- História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. *Anais do Museu Paulista*, 2:9-42.
- PESAVENTO, S. J. 1994. Imagens da nação, do progresso e da tecnologia: a Exposição Universal de Filadélfia de 1876. *Anais do Museu Paulista*, 2:151-167.
- PIERUCCI, A. F.; PRANDI, R. (org.). 1996. *A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política*. São Paulo, Hucitec, 239 p.
- POMIAN, K. 1984. Coleção. In: *Enciclopédia Einaudi*. Porto, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, p. 51-86.
- PRANDI, R.; SANTOS, R. W. 2017. Quem tem medo da bancada evangélica? *Tempo Social*, 29(2):187-214.
- REVEL, J. (org.). 1998. *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro, FGV, 264 p.
- SCHWARCZ, L. M. 1993. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo, Companhia das Letras, 296 p.
- SILVA, E.; SANTOS, L. A.; ALMEIDA, V. (org.). 2020. *Os 500 anos da Reforma Protestante no Brasil: um debate histórico e historiográfico*. Curitiba, CRV, 430p.
- SILVEIRA, P. T. 2016. Da história instantânea ao arquivo infinito: arquivo, memória e mídias eletrônicas a partir do Center for History and New Media (George Mason University, EUA). *Faces da História*, 3(1):24-42.
- SIUDA-AMBROZIAK, R. 2013-2014. La religión en el Brasil contemporáneo: transformaciones actuales y proyecciones para el futuro. *Estudios Latinoamericanos*, 33/34: 27-442.
- WEBER, M. 1993. *Ciência e política: duas vocações*. São Paulo, Cultrix, 128 p.
- WILLAIME, J. P. 2017. Que signifie commémorer la Réforme? *Revue Études*, 4234:33-44.

Submetido em: 14/02/2022

Aceito em: 17/05/2022